

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Perantim Class.: 31

Data: mar/86 Pg.: 10

A solução nas cooperativas

Com o avanço das frentes de expansão da sociedade nacional, surgem diversos problemas para as comunidades indígenas — além do problema maior, que é a invasão das áreas, mesmo as demarcadas. Alterações na organização econômica tribal provocam mudanças nos hábitos de consumo, com a introdução de produtos industrializados. As compras a dinheiro vão substituindo as relações de troca.

Para comunidades que estão há muitas décadas em contato permanente com a sociedade nacional, essa relação com a economia capitalista é, naturalmente, sempre desvantajosa. Como os milhões de lavradores pobres do Brasil, também os índios vendem barato o que produzem e pagam caro o que compram. A solução para esse problema está sendo encontrada na formação de cantinas comunitárias, como existe em Roraima, ou de cooperativas. Nesta página, PORANTIM mostra duas experiências de cooperativas indígenas: uma dos **Munduruku**, no Pará, e outra dos **Galibi e Karipuna**, no Amapá. Há também um relato sobre a participação dos **Kaingang** do Chimbangue (Santa Catarina) num Centro de Tecnologias Alternativas que está sendo formado no Sul a partir das experiências e também das necessidades dos pequenos agricultores.

São do final do século passado as primeiras notícias de que os **Munduruku**, grupo que habita próximo ao rio Tapajós, no Pará, já eram roubados pelos comerciantes de Itaituba (PA). Por tentar orientar esse comércio, um dos religiosos que estava na área para fundar uma Missão, teve seus "serviços dispensados" pelo governo imperial. Cerca de cinquenta anos depois, quando os brancos ainda lucravam com a castanha-do-Pará e a borracha produzida pelos **Munduruku**, a Missão São Francisco, instalada no rio Cururu, acabou por criar uma cooperativa, que passou a comercializar tudo o que era produzido pelas famílias associadas. Só mais recentemente, porém, é que os **Munduruku** passaram a controlar a cooperativa, até então administrada pela Missão.

A mudança de administradores, inicialmente, não deu grandes resultados, já que a comunidade até então não possuía nenhuma experiência na gerência de seus negócios. Mesmo assim, os **Uëijenhã** — como os **Munduruku** se auto-denominam — não desistiram, e hoje, com assessoria da Missão, todo o ouro, borracha e castanha-do-Pará produzido pelos associados é

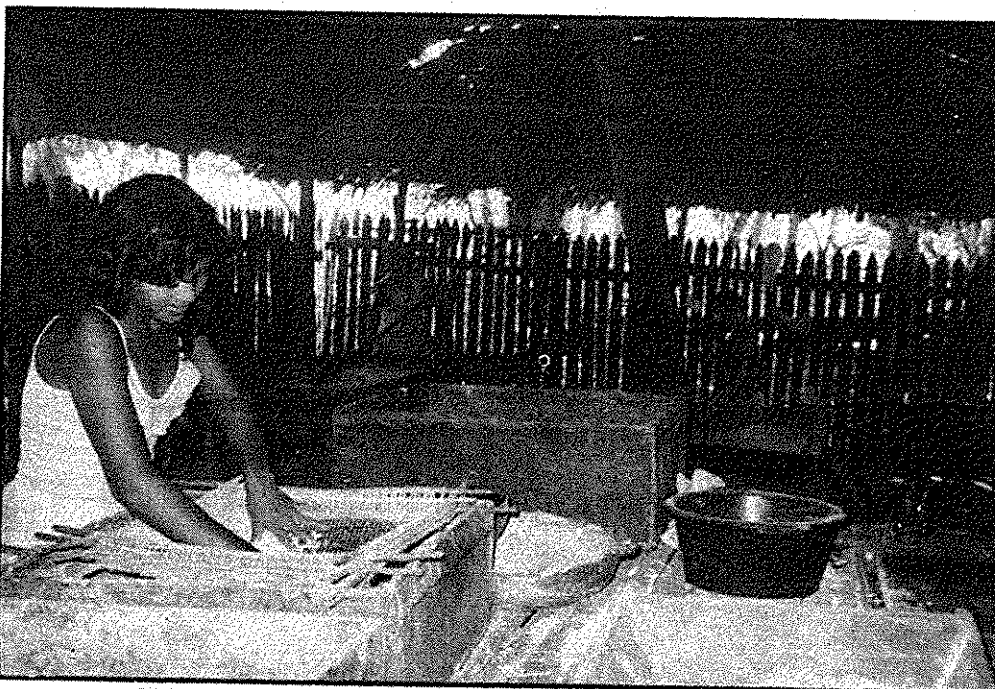
adquirido pela cooperativa a preço do mercado. Em Itaituba e Santarém, também no Pará, esses produtos são comercializados e outros são adquiridos para serem revendidos na área.

A cooperativa funciona à base de troca. Cada família possui uma ficha onde é feito

o controle de toda a mercadoria que ela fornece ou retira. Atualmente, até o tratamento dentário, que é feito por um membro da comunidade especialmente treinado, é por ela controlado. Todo o material gasto na extração de dentes e confecções de prótese é colocado em débito, co-

mo se a pessoa tivesse comprado alguma mercadoria.

Outras informações sobre o funcionamento da cooperativa podem ser obtidas com Frei Raimundo, na Missão São Francisco, Caixa Postal 191, Santarém, Pará (CEP 68.100).



Egon Heck

Mulher Karipuna prepara farinha, que será comercializada pela cooperativa